

Medicalização da vida: o uso exacerbado de psicofármacos em tratamentos de saúde mental

Medicalization of life: the exacerbated use of psychotropic drugs in mental health treatments

Mateus Paulino Ferreira da Silva¹ , Tadeu Lucas de Lavor Filho² 

1. Graduando em Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS)
E-mail: mateuspaulinoferreiradasilva@gmail.com

2. Doutor em Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS)
E-mail: tadeulucas@univs.edu.br

Comunicação Breve

Introdução: A medicalização da vida é concebida como a conversão de situações corriqueiras ou de cunho social em questões de natureza médica que necessitam de tratamento e acompanhamentos realizados por profissionais da saúde mediante aparatos clínicos, como avaliações diagnósticas e uso de medicamentos (Rocha *et al.*, 2019). Diante disso, sabendo que a saúde mental é um campo multifatorial atravessado pela produção de adoecimentos e aspectos de bem-estar, esta não deve ser reduzida a uma dimensão medicalizante (Toso; Souto, 2020). A exemplo disso, percebe-se a incidência de elevados diagnósticos precoces como tentativas de tamponar um problema que não é individualizante, mas psicossocial, ocasionando o aumento exacerbado de terapêuticas focadas exclusivamente no uso de psicofármacos que, por sua vez, constantemente são prescritos de modo abusivo, ocasionando a realocação de eventos ordinários (envelhecimento, luto, menopausa, entre outros) ou coletivos (desemprego, violência intrafamiliar, racismo, etc.) em, respectivamente, campos clínicos e individuais (Rodrigues *et al.*, 2022). **Objetivo:** Discutir sobre a superestimação das práticas medicalizantes e suas relações com o sofrimento psíquico na sociedade contemporânea. **Metodologia:** O presente trabalho parte de uma revisão de literatura qualitativa exploratória realizada a partir de artigos científicos encontrados na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), publicados entre os anos de 2018 e 2022, a partir dos descritores “medicalização” e “vida”. Foram encontrados 25 resultados no total, dos quais somente 6 permaneceram para uso, tendo como critério para inclusão a presença do termo medicalização em seus títulos e o enfoque em saúde mental em seus resumos. **Resultados e discussões:** Com a produção da loucura pela medicina/psiquiatria a partir do século XVIII, a consequente maximização dos diagnósticos, a medicalização e a difusão midiática de que os transtornos mentais, em especial os depressivos e de ansiedade, atualizam-se na contemporaneidade como o mal do século XXI. Prevalece atualmente a naturalização de cada vez mais formas de mal-estar e/ou sofrimento como possíveis diagnósticos, ampliando, por conseguinte, soluções aparentemente rápidas para problemas de caráter até então inerente à condição humana (Lemos; Nascimento; Galindo, 2022). À vista disso, o conglomerado constituído não só pela indústria farmacêutica e pela medicina, mas também por instituições formadoras de profissionais de saúde, promovem em conjunto a difusão de uma atuação e de um discurso que se apropriando da vida social do indivíduo generalizam exponencialmente a imagem do médico como o principal certificador da

adequação de inúmeras situações na linguagem científica responsável por produzir diagnósticos e receituários para o requerimento de medicações, tendo, no caso da saúde mental em contexto brasileiro, o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) e o Código Internacional de Doenças (CID), elaborados respectivamente pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como bases principais de referência (Macêdo; Barboza; Tsukuda, 2019). Tal adequação é mais do que perceptível nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), uma vez que, mesmo tendo a descentralização como um de seus baluartes, acabam mantendo como principais atribuições o oferecimento de atendimentos psiquiátricos e a oferta de psicofármacos, atividades que, por mais que necessárias, pecam ao se situar como práticas institucionalizadoras e ainda herdeiras de uma perspectiva manicomial (Macêdo; Barboza; Tsukuda, 2019). Sendo assim, dispendo da compreensão etiológica da doença mental como advinda de deficiências genéticas, químicas e/ou de agentes físicos, os tratamentos psicofarmacológicos nos mais variados equipamentos intencionam uma amenização das perturbações suscitadas pelas irregularidades supracitadas, o que pode negligenciar o caráter multifatorial do sofrimento psíquico quando o assenta como algo a ser remediado essencialmente por intermédio de psicofármacos, se distanciando de tratamentos voltados a psicoterapia, mudanças de rotina e alimentação, manutenção de vínculos saudáveis, entre tantos outros (Frazão; Minakawa, 2018). **Conclusões:** Em suma, tendo o contexto atual como plano de fundo no qual é exigido um estado de bem-estar contínuo, acontecimentos cotidianos são posicionados como suscetíveis a processos de tratamento médico, donde a medicalização atinge a possibilidade de ser permanentemente necessária para as mais diversas situações, sendo os psicofármacos, anteriormente concebidos para casos específicos e graves, agora visualizados como soluções viáveis para toda sorte de variações de humor ao passo em que os demais tratamentos em saúde mental são mantidos na indiferença (Frazão; Minakawa, 2018). Perante o exposto, far-se-á necessário a abertura de espaço à compreensão da saúde mental como processo que envolve uma multiplicidade de fatores imbuídos na experiência existencial, social e histórica do sujeito, em que o tratamento psicofarmacológico deve ser visualizado como um dos recursos passíveis de aplicação ao invés de apresentado como o único a ser mantido.

Palavras-chave: Medicalização; Psicofármacos; Saúde mental.

Referências

FRAZÃO, Paulo; MINAKAWA, Marcia Michie. Medicalização, desmedicalização, políticas públicas e democracia sob o capitalismo. **Trabalho, educação e saúde**, v. 16, n. 2, p. 407–430, 2018.

LEMONS, Flávia Cristina Silveira; NASCIMENTO, Maria Lívia do; GALINDO, Dolores. Uma crítica às facetas da medicalização pela gestão dos riscos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, p. 165-172, 2022.

MACÊDO, Stefanie de almeida; BARBOZA, Willima Cintia Santos; TSUKUDA, Yonetane Freitas. Da institucionalização total à medicalização: relatos sobre os dispositivos de saúde mental em Feira de Santana - BA. **Revista psicologia, diversidade e saúde**, v. 8, n. 1, p. 62-74, 2019.

ROCHA, Amanda Corrêa et al. Sofro, logo me médico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar. **Revista multidisciplinar e de psicologia**, v. 13, n. 46, p. 392-404, 2019.

RODRIGUES, Camila Helena et al. Olhar rotulador nos (des)encontros da medicalização da vida e das políticas: produção e reprodução de patologias. **Anais do seminário nacional de educação especial e do seminário Capixaba de educação inclusiva**, v. 4, n. 4, p. 365-372, 2022.

TOSO, Rodrigo Antonio; SOUTO, Lilian Meira. A Psicologia frente a patologização e medicalização da vida. **Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial**, v. 1, n. 1, 2020.

Revista Encontros Científicos UNIVS – ISSN: 2595-095X, V. 5, N. 1, 2023

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: MPFS

Redação do manuscrito original: MPFS

Curadoria de dados: MPFS, TLLF

Análise de dados: MPFS

Redação textual: MPFS, TLLF

Supervisão: TLLF

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
